

Sessão de Encerramento – Conclusões

Ernesto Candeias Martins

(Presidente da Comissão Organizadora – IPCB)

Damos hoje por finalizado e penso com êxito este V Encontro Ibérico de História da Educação celebrado nesta região de Castelo Branco e com o prazer de ser encerrado nesta bela Vila de Idanha-a-Nova, num símbolo de aproximação geográfica entre os nossos dois países ibéricos. Todos nos congratulamos pela realização positiva deste evento. Formulo desde aqui os meus agradecimentos a todos os participantes, aos oradores e comentadores que em sessões calorosas de debate nos deram mais força por continuar a investigar no âmbito da educação.

Não desejo fazer um discurso, mas um simples alinhavar de palavras que nestas circunstâncias são devidas. Olhemos o caminho percorrido nestes três dias e contemos as ferramentas historiográficas utilizadas, o esmiuçar dos ingredientes histórico-educativos, de modo a planear do passado o futuro. A história da educação foi o núcleo destas tertúlias científicas, a *‘Renovação pedagógica nos séculos XIX e XX’* o seu tema e as respectivas problemáticas o seu sugo. Em painéis multifacetados de interesse e de representatividade decorreu cada uma das sessões. Painéis assumidos e protagonizados por ilustres convidados.

Contemplámos – que isto de duas culturas pode intuir-se a educação pela contemplação e pela narração activa. Verificámos miudamente como é que dum objecto temático – a *‘Renovação Pedagógica’*, se construíram duas realidades em vários pontos com elementos coincidentes. Como é que, nesta trama, se esgueiraram a memória, a arte, a interpretação, a inovação e a imaginação.

E contemplámos activamente no primeiro dia em que dum tema se construíram um mundo, esgueirando os oradores e comentadores imaginação e narração. Será que estavam a fazer ciência histórica? Quiseram agarrar o tempo – na memória histórica do liberalismo, da 1.ª República portuguesa, da Restauração e da II República espanhola, mas deram-se conta de que esse odre ora se vestia de passado, ora de futuro, ora de presente, numa metamorfose divertidamente enganadora.

Ao fim do dia os participantes já queriam repousar. Aliás a tarde ia alta e quiseram contemplar as maravilhas da natureza. A beleza paisagística, a ceia e o local tornou-se acolhedor e quiseram ficar por aí. Engrandeceram a alma. Criámos ou renovámos amizades. Sem muros ou com eles, esses lugares guardavam histórias por contar (Monsanto, Penha Garcia). A hora era tardia, o luar brilhava nessa ruralidade iluminando-nos as memórias e resistindo-nos em recolher.

Nova madrugada surgiu e abrimos de par em par o auditório e entrou frescura temática, que nos criou um apetite danado, pois para muitos de nós não era desconhecido o menu: o Estado Novo – salazarista, o franquismo e o pós-democracia de 1974 e 1975. Abordámos temas e problemáticas, enfrentando a mediatização. E que bonito os enfoques e as perspectivas expostas. Soubemos alguns porquês, alguns enredos e enlevos e intentámos justificar decisões históricas e políticas educativas. O sonho apoderou-se de nós que nos sentimos reconfortantes, procurando expansões narrativas e discursivas.

Ao final do dia tivemos que retemperar forças e fomos ao encontro de paragens naturais – a Serra da Gardunha. Ao que parece muitos de nós, já não sairíamos dali. Contemplámos as belezas históricas, partilhámos e ouvimos histórias locais, as das raízes, pois a história da ciência já nos havia imbuído todos estes dias.

E surgiu o último dia nesta bela Vila de Idanha-a-Nova. Olhámos o caminho andado pelos trilhos da historiografia contemporânea. Complexo, exigente e estimulante é o ofício do historiador, como um artesão na sua oficina, nos caminhos da vida, na vivência e nos desafios do presente e do

futuro. O desafio permanente é o da renovação e o da dignificação da historiografia, sem minimizar os valiosos legados. Renovação nas temáticas e problemáticas, na conceitualização, nas metodologias e na escrita narrativa, porque a história se escreve e reescreve continuamente.

É evidente que nos encontramos no início do novo milênio. Assistimos a transições reais e simbólicas, que determinam e despertam mundividências científico-pedagógicas, fervores, incertezas, aspirações, novidades, ressurgimentos e interrogações. Tempo e tempos favoráveis a (novas) perspectivas e projecções pedagógicas; tempo e tempos propícios a reflexões, referências e discursos dos historiadores; tempo e tempos de redefinição da memória e do próprio tempo histórico: tempo nos tempos e tempos no tempo.

No século passado presenciamos a uma progressiva aceleração da história, realizaram-se vertiginosas transformações, emergiram novas realidades e problemáticas que questionaram, renovaram ou redimensionaram a visão da história e o papel dos historiadores confrontados com a complexidade de novas e indispensáveis teorizações e interpretações, (re) escrevendo a história e (re) perspectivando o devir histórico e social.

Houve uma eclosão de questões e conceitos, marcadamente pressio-nantes na avaliação e na conceptualização historiográfica, principalmente no âmbito do tempo e do espaço, das terminologias, das mudanças ou continuidades, das técnicas e metodologias de abordagem (métodos) e das interações das várias instâncias (políticas, sociais, económicas, culturais, educativas, etc.).

É bem verdade que as distintas versões do passado não são inconciliáveis, já que umas representam simplesmente aspectos ainda não explorados. Daí que essas diferentes versões podem conciliar-se numa perspectiva pluri-dimensional e só essas diferentes versões podem aproximar-se da compreensão holística do real (história dos acontecimentos).

É evidente que assistimos a mudanças na história. Passámos das circunstâncias que rodeiam o homem à consideração do homem nas suas circunstâncias. Mudanças nas temáticas abordadas (a intercontextualidade do económico, do demográfico, do cultural, do emocional, do social e do

educativo), nas fontes de influência (a informação documental), no sujeito (do grupo ao indivíduo), nos modelos explicativos, nas metodologias, na organização (do analítico ao descritivo) e na categorização do papel do historiador (do científico ao literário ou ao poético).

São evidentes, como dizem Vattimo e J. Derrida, os vínculos entre determinadas perspectivas filosóficas ou filosófico-pedagógicas (designadas por pós-modernidade, como o pensamento débil, a linguística desconstrutiva) e as novas análises historiográficas.

É certo que a historiografia contemporânea opera com uma perspectiva não contínua de tempo e reconhece a impossibilidade de aceitarmos o vazio entre o sujeito – historiador e o seu objecto, o que matiza as pretensões à objectividade. Na verdade a memória histórica é instância construtora e solidificadora de identidades, cuja expressão colectiva (social) actua como instrumento e objecto de poder(es), seja mediante a selecção do que se recorda, seja do que consciente ou inconscientemente, se silencia. História memória versus história social do esquecimento convergindo para a história-crítica.

A historiografia actual e o seu processo prático levam a algumas coincidências: o interesse pela descrição e pela narração, por vezes exaustiva (explicação dos processos, a conceitualização); os enfoques individuais passam a ser objectos directos de investigação; a vocação literária e poética (hoje há tendência a ler histórias) com a sua respectiva qualidade de narrativa; as influências de ciências, como a antropologia, a etnografia, a psicologia, a literatura, a comunicação, etc., que nos levam a interrogar sobre o significado de alguns conceitos como os de cultura, de sociedade e de mudança; e finalmente a introdução de novos métodos que fazem destacar a história narrativa, a micro-história, a prosopografia, a história de vida e a história oral.

Estamos num período de transição da história das mentalidades a uma história das atitudes, dos comportamentos, das representações colectivas (inconscientes), etc. Por isso os novos temas historiográficos centralizam-se nas facetas da realidade mais esquecidas pelos historiadores. Surgem

estudos com descrições exaustivas, com narrações submetidas à cronologia, ao cultural, ao individual, às circunstâncias, às instituições (re) educativas, de tal modo que são objectos de pesquisa determinados colectivos, as tradições populares, a vida quotidiana e familiar, os grupos comunitários, os comportamentos excêntricos de certas personagens, as (auto) biografias, o mundo das crenças e das atitudes religiosas e educativas, educação da mulher, educação colonial, a protecção da criança, a escola pública e privada, etc.

A todos nos beneficia – ou deveria beneficiar, o conhecimento histórico da educação, mesmo eivado de relatividades e de subjectividades. Contudo, sem um quadro de referências como nos identificaríamos em termos existenciais, como pessoas e indivíduos de uma comunidade ou país? Todos nós carregamos e transmitimos marcas e sinais do passado próximo ou longínquo. Sem a memória dessas inovações educativas, renovações pedagógicas, ideais, legislações ou projectos educativos, dos manuais escolares não poderemos delinear e percorrer novos caminhos, se não soubermos quem somos, donde vimos, quais são as nossas raízes, muitas delas comuns como no caso de Portugal e Espanha.

É a partir da história da educação, que não significa contemplação, recusa ou nostalgia, que procuramos compreender e definir o nosso património e a nossa identidade, num compromisso cada vez mais exigente, face às ameaças da globalização e das tendências massificadoras. A nossa identidade, ou melhor as nossas identidades, as relações, as cumplicidades e as diferenças a nível regional, nacional, europeu e universal deverá comprometermos com o mundo em que vivemos e agimos. Um mundo que é o resultado dos mundos que continuamente fomos perdendo ou herdando, mas a nossa identificação histórica e cultural depende do que ainda somos e queremos ser e da consciência histórica daquilo que já não somos.

Gostaria, ainda de afirmar que o verdadeiro motor do conhecimento é o problema que os historiadores colocam aos seus traços narrativos do passado. É que os problemas educativos nascem no seio de mentes preocupadas por uma dada formação histórica e pela presença de memórias,

no tempo e no espaço em educação. O desejo do historiador em aceder à verdade e o seu questionamento historiográfico, revela as preocupações do presente que formula. Esse olhar, com que nós os historiadores abordamos os problemas educativos, só não se enreda na sedução e/ou pretensão consensual da memória colectiva e histórica, se soubermos confrontar perguntas, como por exemplo: Quem é que quer que se recorde o quê da educação num determinado tempo? E por quê? Que versão do passado narramos e registamos? O que é que ficou esquecido?

Estas e outras interrogações podem abrir uma nova atitude dos historiadores, um encontro da história da educação com o 'pensar' e 'construir' novas interpretações e o surgimento de uma nova agenda de investigação historiográfica. Interroguemos o passado, na procura e descoberta de nós próprios, dos nossos projectos, dos ideais e das correntes educativas, interligando criticamente ontem, hoje e amanhã.

Do passado acarretamos memória e cultura para o futuro. Memória e cultura que representam um feixe de ligações entre os dois países, indispensável entre pessoas e gerações, entre historiadores de varias instituições, renovando comportamentos e mentalidades, conservando ou originando novas atitudes e acções perante a história, a educação, a vida e a sociedade, facilitando a comunicação e o diálogo, a aproximação entre os povos e as culturas.

Muitos historiadores, aqui presentes, quantas vezes enfrentando condicionalismos adversos, combateram a História da educação, enquanto área científica e arte de narrar o passado e enquanto factor de desenvolvimento humanístico, social e cultural. Todos desejamos que esses combates prossigam e se multipliquem e que as intervenções a nível científico-pedagógico e social e a sua influência académica se estendem às diversas esferas e instâncias da sociedade.

Mesmo, quiçá, sejamos nós historiadores um pouco cúmplices, contemplativos ou passivos, não nos faltaram motivos, razões e emoções para sermos mais exigentes e reivindicativos, perante o poder e as políticas da educação. Que este repto seja a favor da história da educação, da qualidade

da educação, da inovação, do melhor desempenho e da excelência no ensino e, ainda para a justiça e o progresso das nossas sociedades e do mundo em geral.

Pensar/repensar, descobrir/redescobrir, escrever/reescrever a história da educação, perspectivar e (re) perspectivar a memória histórica, tudo é pensamento e sentimento que intimamente nos prende e liberta. Pensemos a história, a educação pois assim, pensamos e sentimos a vida.

Como responsável da Comissão Organizadora e Científica congratulo-me e todos nos congratulamos com o êxito científico, pedagógico e cultural deste V Encontro e que ele constituía o ponto de partida para os futuros encontros. Todos esperamos vivamente que estas reuniões se afirmem como uma privilegiada aproximação entre os historiadores da educação de Portugal e Espanha, de convivialidade, de enriquecimento e valorização humanamente e intimamente para cada um de nós. Desejo sinceramente que todos tenham passado uns dias enriquecedores. Se algo esteve mal ou falhou que nos perdoem, somos falíveis como os fenómenos históricos.

Renovo os meus agradecimentos a todas as entidades aqui presentes e todas as outras que apoiaram e tornaram possível a realização deste evento o meu mais sincero Bem-Haja. Aos colegas espanhóis e portugueses as minhas felicitações por estarem nesta região centro de Portugal, os meus desejos de um bom regresso.

No fundo estamos de algum modo sempre a partir e a regressar, mesmo quando não partimos, mesmo quando não regressamos. Viajemos também por dentro, adentro da história, da história da educação e da vida educativa. Caminhos ou descaminhos percorridos, tantos caminhos ou descaminhos ainda por percorrer. Todos queremos regressar a casa. Exaustos! Não fisicamente exaustos, porque não trabalhamos como habitualmente, mas sim exaustos de espírito. Levemos no nosso espírito a melhor recordação. Um até breve a todos.

